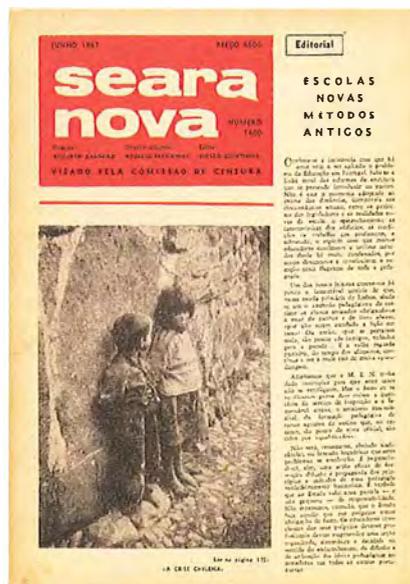


# A «Seara Nova» e a Revolução de Abril

António Reis



NO CONJUNTO DA IMPRENSA PORTUGUESA DOS ANOS que precedem a Revolução de 25 de Abril, a *Seara Nova* destaca-se facilmente como o principal órgão periódico do campo da oposição democrática. Em rigor, porém, era mais que uma revista mensal. Esta era, sobretudo, o rosto visível de um grupo de «intelectuais políticos» – para utilizar a feliz expressão de Raúl Proença, um dos seus fundadores em 1921 –, que procurava intervir na vida política através de um estilo próprio: sem obediências partidárias nem dogmatismos ou sectarismos ideológicos, num espírito de diálogo e solidariedade interna e na base de três preocupações fundamentais – a defesa e aprofundamento das liberdades cívicas; a reflexão crítica sobre os problemas económicos, sociais e culturais do país com vista à formulação de alternativas programáticas de orientação socialista; a promoção de um movimento de opinião em torno desses objectivos.

Ao longo de cinco décadas, sucessivas gerações de intelectuais «seareiros» desempenharam um importante papel de reflexão e intervenção crítica no processo de degenerescência do liberalismo republicano dos anos 20, na oposição à consolidação do Estado Novo nos anos 30, na resistência cívica ao longo dos anos 40 e 50, na renovação doutrinária da esquerda e numa crescente afirmação política e cultural nos anos 60 e 70 até à queda da Ditadura. A par da revista, cuja periodicidade oscilou entre a semanal e a trimestral para se fixar finalmente na mensal a partir dos finais da década de 50, também a actividade editorial e os ciclos de colóquios constituíram outras tantas formas de intervenção doutrinária, cívica e cultural na sociedade portuguesa da época.

A *Seara Nova* constitui, assim, uma fonte e um testemunho imprescindíveis para a compreensão das causas do fracasso da experiência liberal republicana, das vicissitudes do oposicionismo democrático, da evolução doutrinária da intelectualidade republicana de esquerda e

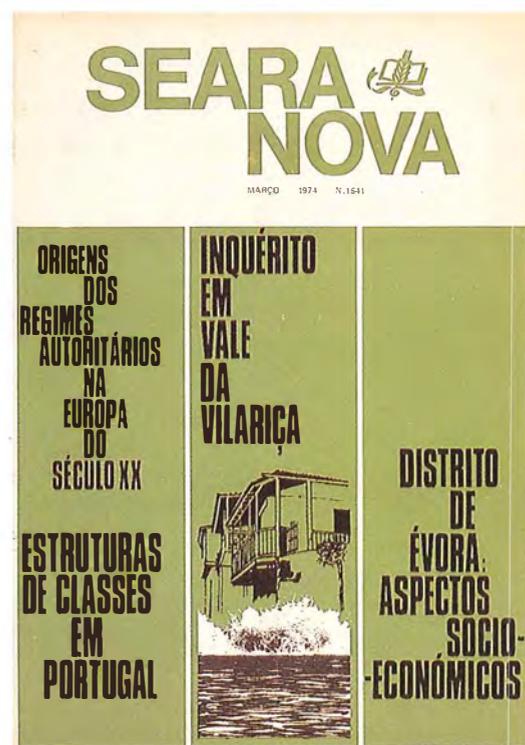
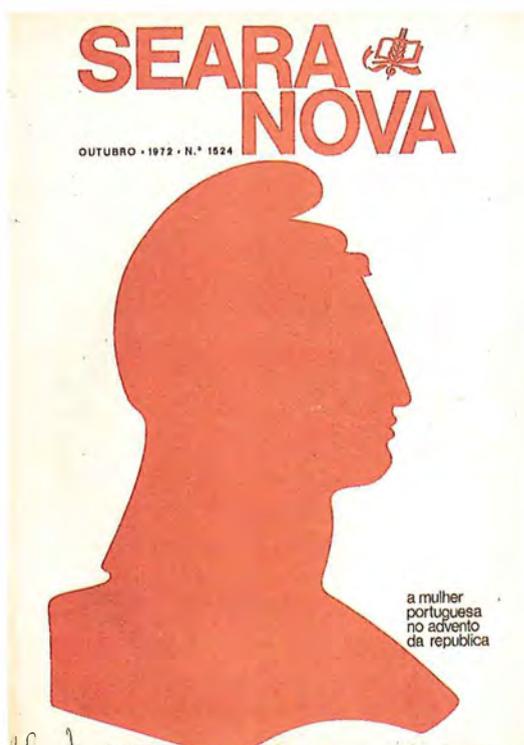
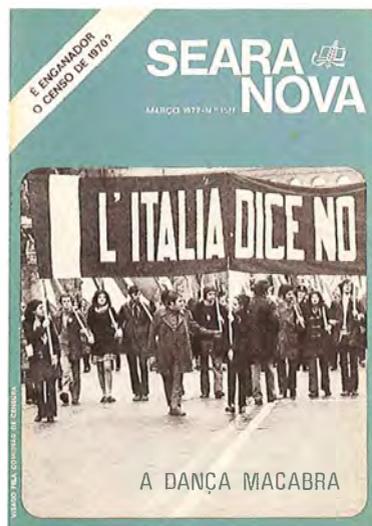
até das ilusões suscitadas pelo processo revolucionário no período que se seguiu ao 25 de Abril.

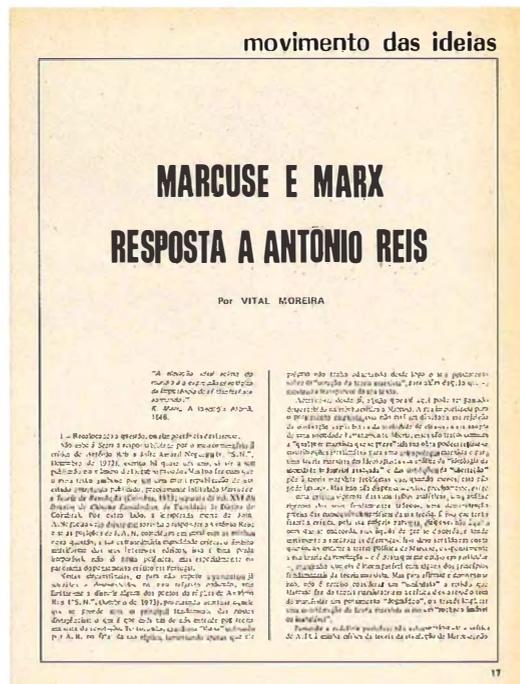
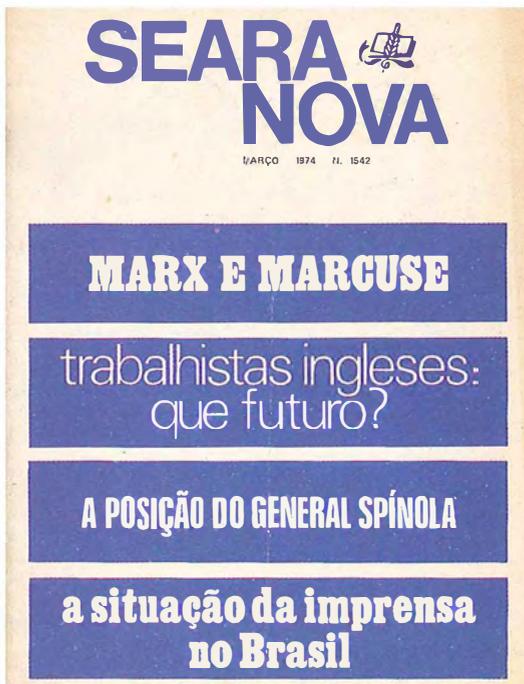
Não por acaso o período de maior vitalidade do grupo e dos seus principais meios de intervenção – a revista e a editora – durante o regime ditatorial irá coincidir com a fase final deste, a partir de 1959 com o oposicionismo pós-delgadista, e, de um modo mais incisivo ainda, com o breve consulado marcelista.

Em Janeiro de 1959, a revista surgia com um renovado aspecto gráfico, garantias de periodicidade mensal e um novo grupo de redactores e colaboradores em que avultavam os nomes de Manuel Sertório, Rui Cabeçadas, Nikias Skapinakis, Mário Ruivo, Veiga Pereira, Ulpiano do Nascimento, Augusto Abelaira e Lopes Cardoso. Câmara Reis, fundador e principal sustentáculo administrativo da revista e da editora, permanecia como seu director e dava o seu concurso

activo a este processo de renovação centrado no propósito de «desenvolver um amplo inquérito aos problemas actuais da gente portuguesa e proceder ao estudo e à articulação das soluções democráticas e socialistas ajustadas àqueles problemas». Morto Câmara Reis em 1961, sucedeu-lhe o poeta Augusto Casimiro, também da geração fundadora, cabendo a partir de então, porém, ao pedagogo Rogério Fernandes a efectiva direcção da revista, que assumirá, aliás, a título pleno entre 1967 e 1969.

Com o marcelismo e a nova dinâmica de afirmação da oposição democrática em torno da campanha eleitoral de 1969, o papel do grupo *Seara Nova* e da revista tornam-se mais visíveis e influentes, precipitando um segundo momento de renovação e alargamento de colaboradores, com imediato reflexo na variedade de secções da revista e na intensidade do movimento editorial.





A influência doutrinária do marxismo era claramente dominante, proporcionando animados debates teóricos como o que opôs António Reis a Vital Moreira a propósito de Herbert Marcuse. *Seara Nova*, Março, 1974.

O escritor Augusto Abelaira é nomeado Director, cargo que ocupa até 1973, sendo então substituído pelo eminente filólogo Rodrigues Lapa, discípulo da primeira geração seareira e responsável há muito pela célebre colecção «Textos Literários», que era a principal fonte de receitas da editora.

A revista e a editora conheceram então, ao longo deste período, uma acentuada subida das tiragens, do número de assinantes e dos títulos editados. De 10.000 exemplares, a *Seara* passou rapidamente para os 26.500 em 1972 e, em vésperas do 25 de Abril, rondava mesmo os 30.000. 70% dos leitores, segundo um inquérito então feito, situavam-se nas camadas etárias mais jovens, até aos 34 anos, o que comprovava a influência dos movimentos estudantis a partir de 1961. Os assinantes chegaram a ser cerca de 18.000. Num país onde os partidos políticos estavam proibidos e o movimento oposicionista sujeito a apertada vigilância e repressão das suas actividades, assinar a *Seara*, ou mesmo simples-

mente comprá-la numa livraria ou tabacaria, era o equivalente simbólico de uma formal adesão a esse movimento oposicionista democrático. No conselho redactorial da revista encontravam-se, aliás, nomes ligados ao Partido Socialista, recém-fundado em Abril de 1973, e ao Partido Comunista Português, além de socialistas independentes oriundos das lutas estudantis de 62. A influência doutrinária do marxismo era claramente dominante, sem, porém, dar origem a uma ortodoxia dogmática, antes proporcionando, por vezes, animados debates teóricos como os que opuseram o socialista Sottomayor Cardia ao comunista M. J. A. Teixeira (pseudónimo de Pedro Ramos de Almeida), a propósito do ensaio sobre o pensamento de Lenine do comunista italiano Luciano Gruppi, e eu próprio a Vital Moreira, a propósito das posições do filósofo germano-americano Herbert Marcuse. O acompanhamento crítico da actualidade política nacional e internacional, embora sempre

Primeiro número da *Seara Nova* publicado depois do 25 de Abril de 1974.

muito cerceado pela censura prévia, e a crítica literária, de cinema e de teatro completavam cada número da revista.

Em 1971, o cinquentenário da fundação da revista foi pretexto para a realização de um ciclo de colóquios pelas principais capitais de distrito e outras cidades, e que se estendeu ao longo do ano seguinte. Foram acompanhados por uma exposição itinerante onde se documentava a história do grupo e da revista *Seara Nova*. Como era de esperar, os colóquios transformavam-se em animados debates sobre a situação política, suscitando a partir de certa altura crescentes dificuldades na obtenção dos locais para a sua realização. Num período de algum refluxo da luta oposicionista e de crisperação repressiva do regime ditatorial, estes colóquios surgiram como uma das raras janelas de respiração do movimento oposicionista democrático da época.

Simultaneamente a editora lançava os dois primeiros volumes de uma antologia da revista organizada e prefaciada por Sottomayor Cardia e reeditava as *Páginas de Política* de Raúl Proença. Criavam-se novas colecções, uma delas de ensaios consagrados ao estudo e análise dos principais problemas políticos, sociais e económicos, com a designação *Que País?*. Apesar de algumas apreensões policiais, como a do livro de Sottomayor Cardia *Por uma democracia anticapitalista* (de que tinham acabado de seguir para a Guiné 50 exemplares pela mão do então capitão Matos Gomes, hoje o conhecido escritor Carlos do Vale Ferraz), a editora conseguia publicar uma média de dois títulos por mês, muitos deles facilmente distribuídos através do circuito de assinantes, não sem que por vezes alguns viessem a ser apreendidos nos próprios correios.

Estou, por tudo isto, firmemente convicto de que a *Seara* dos anos sessenta e setenta, até à Revolução, ficará na história como um exemplo de criatividade, de combatividade e de pujança



política e ideológica. Nela foi possível aliar o combate à ditadura à assunção das diferenças internas no seio da oposição e da esquerda. Por ela foi possível mostrar a muitos portugueses que a alternativa existia. A *Seara* acabou por ser um símbolo e uma senha. De tal forma que, quando o nosso número de Setembro de 1973 apareceu com uma fotografia do Templo de Diana na capa, logo houve quem aí visse sinais de cumplicidade com o movimento dos capitães que a 9 desse mês reunira pela primeira vez nas proximidades de Évora (e, no entanto, fora uma simples coincidência, já que nesse número publicávamos um artigo sobre o subdesenvolvimento do interior do país). E quando entrei para a tropa no mês seguinte, em breve me apercebi do prestígio da revista junto da jovem oficialidade ligada ao Movimento dos Capitães. A «arma da crítica» cumpria o seu papel: abria caminho à «crítica das armas» na madrugada libertadora do 25 de Abril...